

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM:

FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

LIVRO DE RESUMOS



© Fotografia: Isabel Araújo Branco



fct Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

NOVAFCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

CAMÕES
INSTITUTO
DA COOPERAÇÃO
E DA LINGUA
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

I Cátedra Internacional
José Saramago
Universidade de Vigo

Université
Paris Nanterre

Université
Paris Nanterre
EA 369
ÉTUDES ROMANES - CRILUS
(Centre de recherches
interdisciplinaires
sur le monde lusophone)

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

APRESENTAÇÃO

*E as moças, sem nenhum medo,
apanhando pedras pelas herdades,
cantavam, altas vozes, dizendo:
Esta é Lisboa prezada,
mirá-la e deixá-la.*

Fernão Lopes, Cerco de Lisboa

“Esta é a força da escrita aqui – ser escrita e ser escrita e ser escrita e ter que ser lida aqui.” – diz Maria Velho da Costa num texto publicado em 1972, no Suplemento Literário do Jornal República, levantando a voz em nome de todas. Esta é a força das mulheres de escrever aqui e agora e exigir que o aqui e agora sejam lidos no agora e não depois. Contra uma passividade imposta, em nome de todas, mas também para todos, as mulheres escritoras, desde uma margem da história que importa pensar, resistiram ao regime salazarista de maneira ativa, contribuindo assim não só para o advento da revolução como também para a emancipação das “subjetividades femininas”.

No quadro das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, realiza-se nos dias 3 e 4 de abril, na NOVA FCSH, o Colóquio Internacional “QUANDO ELAS ESCREVEM. Falas encravadas para uma revolução”, organizado pelo IELT, com a colaboração do CRILUS, Études Romanes, da Universidade de Paris Nanterre, e da I Cátedra Internacional José Saramago, da Universidade de Vigo. Este encontro pretende promover uma discussão alargada sobre as obras de escritoras que ousaram falar e “levantaram a grimpá contra os costumes”, que escreveram sobre assuntos pretensamente indecorosos, protagonizando, acima de tudo, uma revolução literária no século XX.

Comissão Organizadora:

Golgoná Anghel
Isabel Henriques de Jesus
Joana Meirim
Teresa Almeida
Burghard Baltrusch

Comissão Científica:

Ana Paula Ferreira
Anna M. Klobucka
Ana Paiva Morais
Burghard Baltrusch
Christophe Araújo
Gonçalo Cordeiro
Graça dos Santos
José Manuel da Costa Esteves
Paula Morão
Marinela Freitas
Silvina Rodrigues Lopes
Teresa Araújo

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Ana Margarida Dias Martins

Novas Cartas Portuguesas e a Revolução Encravada

Novas Cartas Portuguesas foi um dos livros proibidos que circularam clandestinamente no seio da sociedade portuguesa pré-revolucionária. A Revolução dos Cravos floresceu num terreno de transgressões, alimentada por esta (e outras) ilegalidades, concretizando-se entre o que foi escrito, o que foi lido, treslido ou discutido em segredo, e o que foi feito à luz do dia. Não sabemos se os militares portugueses que marcharam em Lisboa no dia da revolução leram a obra. Quem sabe, talvez a tenham lido de ponta a ponta, ou apenas folheado, ou mesmo só imaginado. Contudo, independentemente da forma como a obra foi consumida, a sua contribuição é inegável: o livro expôs, de forma magistral, as fragilidades do regime de Marcello Caetano, minando a sua legitimidade no exterior, e desempenhando um papel crucial no desmoronar da ditadura. Por si só, a existência clandestina de *Novas Cartas Portuguesas* alimentou rumores e indícios daquilo que os homens preparavam no escuro.

Contudo, o conteúdo da obra foi mais além, denunciando as contradições da própria revolução – ou revoluções – em que necessariamente participava. Nesta comunicação, defendo que *Novas Cartas Portuguesas* revelou, *avant la lettre*, como a revolução não sairia totalmente do seu folículo, produzindo o que se assemelha a um pelo encravado no tecido histórico. No texto, as autoras demonstram, uma e outra vez, as afinidades entre o mundo das ideias revolucionárias e a realidade pré-revolucionária que se pretendia superar, apresentando a revolução como pelo encravado, *in medias res*. Enquanto objeto estranho, oferta de três bicos, Cavalo de Tróia, *Novas Cartas Portuguesas* fornece-nos a imagem de uma revolução a crescer para dentro. Cabe-nos esfoliá-la para melhor vislumbrarmos a vastidão do deserto que ainda falta percorrer.

Ana Margarida Dias Martins é Investigadora Auxiliar no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Universidade do Porto e Honorary Senior Lecturer na Universidade de Exeter, onde contribuiu para a criação da licenciatura em Estudos Portugueses. Doutorada em Literaturas Lusófonas pela Universidade de Manchester, lecionou anteriormente na Universidade de Cambridge e no King's College London. É autora de *Magic Stones and Flying Snakes: Gender and the Postcolonial Exotic in the Work of Paulina Chiziane and Lídia Jorge* (Peter Lang, 2012), coeditora de *The Luso-Tropical Tempest: Postcolonial Debates in Portuguese* (Bristol University Press, 2012) e coautora de *Authentic Recipes from Around the World* (Ceredigion, 2015), entre outras publicações.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Ana Paiva Morais

“Assombração fatal”: o género imaginado em “O Belo adormecido” de Lídia Jorge

A aproximação inesperada e fugaz da atriz Berta Helena e do jovem Francisco, narrada em “O belo adormecido” de Lídia Jorge (2004), levanta problemas de género, nomeadamente mostrando o desejo como uma experiência fundamental de interrogação e indefinição que se processa em sentido inverso ao da identificação. Tendo como pano de fundo os universos do cinema e, sobretudo, do teatro, a narrativa alterna com passagens onde fluem os pensamentos e as divagações da protagonista que acabam por se sobrepor às circunstâncias concretas em que se encontra. Nesta comunicação, observaremos em particular alguns processos do imaginário presentes neste conto de Lídia Jorge, em que a noção de género se joga precisamente contra a afirmação e o absoluto.

Ana Paiva Morais é professora aposentada de literaturas medievais francesa e portuguesa e investigadora do IELT – Instituto de Estudos de Literatura e Tradição na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O seu trabalho de investigação incide principalmente sobre as narrativas breves medievais, com incidência na obra fabulística de Marie de France e na receção dos textos medievais na literatura moderna e contemporânea. Interessa-se, também, por questões de género na literatura contemporânea. Coordenou o projeto, financiado pela FCT, “A Fábula na literatura portuguesa: catálogo e história crítica”, e organizou, com Margarida Madureira e Carlos Carreto, o livro *Parodies Courtoises / Parodies de la Courtoisie* (Paris, 2016). As suas publicações mais recentes incluem: “Des Fins de L’homme à la Naissance des Fantômes ou Comment Prendre la Parole ?” (2019), “Marguerite Duras ou a escrita da ausência” (2023), “Lugares do Além: aspetos da poética do espaço transitório na Visão de Túndalo” (2024).

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Ana Paula Ferreira

Para “continuar o bom combate”: O retorno de Rosa Silvestre (Maria Lamas)

Nos últimos anos, à medida que se aproximava o aniversário dos 50 anos do 25 de Abril, apareceram obras académicas, artísticas e sobretudo notas de teor informativo sobre Maria Lamas (1893-1983), especificamente sobre *As Mulheres do Meu País*. A sua reportagem monumental tem sido privilegiada, mas sem atenção à rede de solidariedade feminina internacional a que apela na sua mensagem sobre a maternidade abandonada num país miserável, que leva muitos homens a emigrar. A presente comunicação traz à luz o desenvolvimento dessa rede internacional depois do final da Segunda Guerra Mundial a partir da Exposição de Livros Escritos por Mulheres, ocorrida em Janeiro de 1947, com atenção especial à participação de Maria Lamas na Federação Internacional Democrática de Mulheres. Atenderemos também às implicações da escritora que, começando a sua carreira na década de 1920 assinando-se Rosa Silvestre num importante corpus de literatura infantojuvenil, entre outras, acena de novo a esse pseudónimo quando se encontra no auge da internacionalização do seu ativismo antifascista nos anos de 1950. Será acaso no passado imaginário campestre e humilde sugerido por uma Rosa ou Maria Silvestre onde deposita a utopia de amor e cuidado simbolizada pelo amor maternal concebido fora de qualquer instituição ou lei.

Ana Paula Ferreira é doutorada em Estudos Luso-Brasileiros pela New York University. É Professora Catedrática de Estudos Portugueses na Universidade de Minnesota. Para além de outros temas de investigação, nomeadamente a representação crítica do “real” na ficção de Lídia Jorge, tem-se concentrado na recuperação de mulheres escritoras do primeiro período do Estado Novo. Além de dezenas de artigos sobre o tema, publicou a edição crítica *A Urgência de Contar: Contos de Mulheres dos Anos 40* (Caminho, 2002) e *Women Writing Portuguese Colonialism in Africa* (Liverpool University Press, 2020). Este último traça a história da agência de várias mulheres na produção simbólica do colonialismo português desde finais do século XIX à segunda década do século XXI.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Anna M. Klobucka

Cem anos de solidão: sobre Escritoras de Portugal (1924-27) de Thereza Leitão de Barros

Enquanto figura pública, Teresa Leitão de Barros (1898-1983) não se integra propriamente no coletivo de mulheres escritoras que “resistiram ao regime salazarista de maneira ativa” e que este colóquio entende homenagear. Próxima do regime (tal como o irmão, o cineasta José Leitão de Barros), esta pedagoga e escritora, de acordo com a sua biografia no *Dicionário no Feminino*, “integrou-se no grupo da elite feminina do Estado Novo” (871). Porquê então falar dela neste contexto? O centenário da sua obra mais marcante, *Escritoras de Portugal*, proporciona uma oportunidade para reexaminar o estudo, relevando o seu caráter inovador e a sua inscrição no ativismo multifacetado, também cultural, da primeira vaga do feminismo português. Mas, para além disso, este estudo de caso permite ainda esboçar uma trajetória da intervenção feminista no século XX, com o foco na recuperação e conceitualização da história das mulheres, que não se ajusta facilmente à grelha das filiações políticas convencionais e na qual cabem tanto *Escritoras de Portugal* como, quase 50 anos mais tarde, *Novas Cartas Portuguesas*.

Anna M. Klobucka é professora nos Departamentos de Português e de Women’s and Gender Studies da Universidade de Massachusetts Dartmouth (EUA), onde ensina principalmente literatura portuguesa e literaturas africanas em língua portuguesa. É autora de *O Formato Mulher: A Emergência da Autoria Feminina na Poesia Portuguesa* (Angelus Novus, 2009), *Mariana Alcoforado: Formação de um Mito Cultural* (IN-CM, 2006; ed. original Bucknell University Press, 2000) e *O Mundo Gay de António Botto* (Documenta, 2018). Co-organizou os volumes *After the Revolution: Twenty Years of Portuguese Literature 1974-1994* (Bucknell University Press, 1997), *O Corpo em Pessoa: Corporalidade, Género, Sexualidade* (Assírio & Alvim, 2010, ed. original University of Toronto Press, 2007) e *Gender, Empire and Postcolony: Luso-Afro-Brazilian Intersections* (Palgrave Macmillan, 2014).

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Andreia Almeida

“este incessante desejo de ser ela – de ser eu?”: relação de duplo e a invenção de si em *A Personagem*, de Maria Ondina Braga

O romance *A Personagem*, de Maria Ondina Braga, publicado em 1978, toma a forma do diário (ficcionalizado) de Paula, uma tradutora e aspirante a escritora. Nesta obra, a um tempo, a autora escreve um romance em forma de diário ficcionalizado, e a sua personagem Paula escreve um diário ao qual chama romance. São vários os jogos de espelhos e duplos contidos nesta obra. Esta comunicação centra-se na análise da relação de duplo entre Paula e Vânia – personagem criada pela primeira para o seu diário-romance –, e nela defende-se que o diário de Paula vai além da escrita de si no sentido autobiográfico, e constitui-se, sobretudo, como uma escrita de invenção de si. Paula escreve um diário-romance em que a sua protagonista, Vânia, é uma máscara de si. E é por meio desta relação de duplo que Paula se inventa e se torna na mulher que deseja ser.

Andreia Almeida é doutoranda em Estudos Portugueses na NOVA FCSH, tendo concluído a licenciatura na mesma área e instituição. Licenciada e mestranda também em Psicologia pelo ISPA – Instituto Universitário. Colabora no projecto “Escritoras portuguesas no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo em Portugal, África, Ásia e países de emigração”, que envolve o IELT, CICS.NOVA/Faces de Eva (NOVA FCSH), e CRILUS/UR, Universidade de Paris Nanterre. Publicou artigos sobre obras de Maria Ondina Braga e Maria Velho da Costa.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Burghard Baltrusch

“É preciso ser-se muito forte para se ser livre” – reflexões sobre a escrita revolucionária de Isabel da Nóbrega

Em Viver com os Outros (1964), Isabel da Nóbrega constrói um universo narrativo que explora a convivência, as relações humanas e os dilemas morais, numa pluralidade de vozes que exemplifica a polifonia de Bakhtin e a rejeição de qualquer verdade autoritária. Este romance, embora premiado, foi injustamente marginalizado no cânone da literatura portuguesa do século XX. Contudo, revela-se uma obra de profunda inovação literária e uma representação audaz de um espaço crítico de resistência, particularmente relevante no contexto da década de 1960 em Portugal. O romance *Viver com os Outros* desafiou as convenções literárias e sociais, subverteu subtilmente os mecanismos da censura ao tempo, e insinuou uma transformação social urgente, especialmente no que respeita à condição das mulheres. Partindo das perspectivas do dialogismo de Bakhtin, do existencialismo de Sartre e Beauvoir, e da heterodesignação conforme formulada por Amelia Valcárcel, esta comunicação propõe destacar a relevância incontornável da escrita de Isabel da Nóbrega no panorama literário português.

Burghard Baltrusch dirige a Cátedra Internacional José Saramago na Universidade de Vigo, onde lecciona Literaturas Lusófonas. Coordena o grupo de investigação BiFeGa e o Programa de Doutoramento Interuniversitário em Estudos Literários. Colabora ainda com o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da FLUP e com o Interuniversity Centre for Research on Atlantic Landscapes and Cultures (CISPAC), que envolve as três universidades galegas. A sua investigação foca-se nas obras de Fernando Pessoa e José Saramago, na poesia contemporânea e na filosofia da tradução. As suas publicações podem ser consultadas em: <https://uvigo.academia.edu/BurghardBaltrusch>.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Golgoná Anghel

“Como se calça uma pessoa [fêmea] que vai escrever pelas ruas?”. Práticas de andar e de escrever a partir de *Casas Pardas* de Maria Velho da Costa

“Um dia hei-de escrever um livro fêmea, todo por dentro.” – diz Elisa, uma das personagens do romance *Casas Pardas* (1977), de Maria Velho da Costa. Elisa ou Elisinha, Elisão, Eulisa, Elisabonn, Zizinha, Zizi, “eleita ou elidida”, “amadora de registos”, anuncia assim não apenas a possibilidade/necessidade da escrita como duplo do viver, mas também a emancipação implícita no acto de escrever. Escrever exige a invenção de uma experiência temporal isenta de cronologia, mas também a criação de um lugar de partilha e de (des)construção de si, um “pousio nas desordens”, uma “desescrita. Partindo destes gestos de “discrepância” e de “desagregação” do dito, principalmente, em *Casas Pardas*, mas também em *Desescrita* (1973) e em *Da Rosa Fixa* (1978), procuramos expor a “irrelevância da evidenciação dos processos de mostrar” na escrita de Maria Velho da Costa.

Golgoná Anghel é Investigadora do IELT e docente de literatura portuguesa e de cinema na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Isabel Henriques de Jesus

A "revelação da mulher". *Ida e volta numa caixa de cigarros* e *Cai no mar a gota de água*, de Maria Archer

Maria Archer é uma contista de excelência, com uma invulgar capacidade de observação e de caracterização múltipla do ser feminino. No prefácio a *Ida e volta numa caixa de cigarros* (1938) afirma que escreveu duas das novelas do livro "sob o deliberado propósito de contribuir para a revelação da mulher". O livro foi censurado sob a alegação de que nessas duas novelas a autora se comprazia "na volúpia do pormenor sensual". Procura-se desvendar a ousadia e o pioneirismo dessa "revelação" que explora possibilidades não convencionais de se ser mulher, e denuncia os efeitos opressores de um sistema que estrangula as mulheres, levando-as a hipervalorizar o mito do amor romântico e acriticamente a ele se submeter.

Isabel Henriques de Jesus é professora associada convidada na FCSH e investigadora integrada do IELT - Instituto de Estudos de Literatura e Tradição na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi durante 10 anos diretora da revista *Faces de Eva* (CICS.Nova). É coordenadora adjunta do projeto "Escritoras de língua portuguesa no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo, em Portugal, África, Ásia e países de emigração". Organizou com José Manuel da Costa Esteves e Teresa Sousa de Almeida o livro *Escritoras portuguesas no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo* (2023) e com Maria Manuela Aguiar e Maria do Céu Borrecho *Maria Archer – um percurso insubmisso* (2024). Ambos os volumes contêm artigos de sua autoria.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Isabel Araújo Branco

«Amor e paz: como o 25 de Abril concretizou o plano de Maria Lamas».

O relatório número 4492 da Direcção dos Serviços de Censura, com despacho de 9 de Janeiro de 1951, definia que a publicação de *Duas conferências em defesa da paz*, de Maria Lamas e Teixeira de Pascoaes, editado pela Associação Feminina Portuguesa para a Paz, deveria ser proibida. O motivo era simples e claro, sendo resumido numa única palavra: «Pacifista.» Este sintético relatório sumariza de forma eloquente uma importante parte do pensamento e da acção de Maria Lamas e reacção repressora da ditadura. Lamas pugnou em defesa da mulher, das crianças e combate à guerra: estas seriam as suas principais bandeiras ao longo de várias décadas de intervenção cívica e política. Por outras palavras, trata-se da defesa do amor e da paz, valores e realidades alcançados de forma geral com o 25 de Abril de 1974, não apenas graças ao fim da Guerra Colonial em vários países africanos, mas também às profundas transformações sociais concretizadas no período revolucionário para as mulheres, que podemos enquadrar numa ideia lata de «amor» fraterno e colectivo, inserido num pensamento de igualdade de género e justiça social. Nesta comunicação, pretendemos recuperar vários textos de Maria Lamas na defesa destes valores e a sua reacção à sua implementação com a Revolução dos Cravos.

Isabel Araújo Branco é Professora Associada na Universidade NOVA de Lisboa na área dos estudos hispânicos. É investigadora integrada do CHAM-Centro de Humanidades (NOVA FCSH–UAc), de que actualmente é subdirectora. É directora de *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. Participa no projecto «Transficción: La Literatura de la transición democrática española y las narrativas transicionales europeas» (Uni. Zaragoza), bem como no projecto do portal «Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX-XXI)-EDI-RED» da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. É membro do Grupo de Investigación en Literatura Contemporánea (GILCO) (Uni. Alcalá). Colabora com o Centro de Estudos Comparatistas (Universidade de Lisboa). Integrou a Acção COST CA16204 «Distant Reading for European Literary History» (2017-2021), financiada pelo Programa Horizonte 2020 da União Europeia, bem como o projecto de investigação «Nivelación de competencias en la adquisición de la competencia traductora (traducción escrita)», promovido pelo grupo PACTE (Procés d'Adquisició de la Competència Traductora i Avaluació) da Universitat Autònoma de Barcelona. Recebeu o Prémio Científico Internacional Mário Quartin Graça 2015, concedido pela Casa da América Latina (Lisboa) pela sua tese de doutoramento. Entre outros, publicou *Recepção literária das literaturas hispano-americanas em Portugal* (Münster, LIT, 2021) e *Tradução e edição de obras hispano-americanas em Portugal* (Berlin, Peter Lang, 2020).

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Joana Matos Frias

«A escova é a grande educadora das raparigas»: *Agustina, máscaras de ferro*

A arte de leitura proposta na importante Cartilha do Marialva de José Cardoso Pires elabora-se em grande medida a partir de uma conversa crítica com a Carta de Guia de Casados de D. Francisco Manuel de Melo, que Cardoso Pires considera um dos mais fortes exemplos do provincianismo português. Dos vários sintomas provincianos que nela encontra, desempenha papel principal o decreto referente às mulheres «Criou-as Deus fracas, sejam fracas», base decisiva do marialvismo nacional diagnosticado e descrito pelo escritor, nos antípodas da figura do libertino. A obra de Agustina Bessa-Luís, desde os primordiais Contos Impopulares, é muito provavelmente o mais forte confronto desse decreto que a literatura portuguesa contemporânea produziu. Tentarei reconstituir os pontos principais da sua tão especial educação das raparigas.

Joana Matos Frias é Professora de Literatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e colaboradora do Projecto Estranhar Pessoa. Entre outros volumes de ensaios publicou, em 2023, *Oscilações (poesia em todos os sentidos)*, e em 2025 publicará o livro *Sob influência (fogos sem fronteiras)*.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Joana Meirim

Adília Lopes: alguns ramos da sua árvore ginecológica

No posfácio a *Obra*, Elfriede Engelmayer, comentando as epígrafes de Sophia e de Agustina a esta primeira reunião da obra de Adília, até ao ano 2000, refere o facto de a poetisa assumir “a tradição da literatura de mulheres em Portugal” e a importância para a sua produção poética de “na sua língua materna existir uma linhagem de textos escritos por mulheres”. A linhagem literária é sem dúvida importante e, felizmente, os estudos adilianos têm chamado a atenção para ela. Nesta comunicação gostaria contudo de dar atenção a uma outra linhagem, igualmente determinante para o percurso intelectual de Adília Lopes. Para tal, comentarei alguns textos memorialísticos da poetisa, textos particularmente reveladores da influência da bióloga Maria José Viana, sua mãe, a quem a poetisa premonitoriamente dedica o seu último livro, *Choupos*.

Joana Meirim é professora no Departamento de Estudos Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigadora do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT) da mesma universidade. Coorganizou, entre outros, *Florilégio* (não (edições), 2023) e *Adília Lopes – do privado ao político* (Documenta, 2024). É autora de *O Essencial sobre as Três Marias* (INCM, 2023) e de *Uma carta à posteridade. Jorge de Sena e Alexandre O’Neill* (INCM, 2024).

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

José Manuel da Costa Esteves

Vinte anos de manicómio de Carmen de Figueiredo e *A Magrizela* de Maria da Glória: dois romances 'encravados' pelo regime

Abrindo caminho para as vozes subversivas que vão irromper na década de 70, algumas escritoras portuguesas ousaram abordar ficcionalmente e “levantaram a grimpá contra os costumes” ao romperem com a clausura a que foram votadas as mulheres, trazendo para o primeiro plano a apropriação da voz e do corpo do sujeito feminino. As temáticas abordadas nos romances *Vinte anos de manicómio* de Carmen de Figueiredo (1951?) e *A Magrizela* de Maria da Glória (1962) remetem para um desejo de libertação da moral de chumbo que o regime ditatorial impôs à força, vetando referências às expressões da sexualidade, sobretudo quando provenientes de escritoras e atribuídas a personagens femininas. Tentaremos esboçar nesta comunicação um breve percurso por estas duas obras censuradas que, sem terem originado uma revolução estética ou política, contribuíram porém, pela ousadia das conceções morais e as práticas sexuais expostas ou sugeridas, para desencravar a voz das mulheres.

José Manuel da Costa Esteves é responsável pela Cátedra Lindley Cintra do Camões- I. P., desde 2002, na Université Paris Nanterre onde integra o grupo de investigação CRILUS (UR Etudes Romanes) e do qual é diretor adjunto. É colaborador do IELT (Universidade Nova de Lisboa) e membro associado do CREPAL (Sorbonne Nouvelle). É membro da Associação Portuguesa dos Críticos Literários, do Conselho Editorial das Revistas *Colóquio Letras*, *Convergência Lusíada* (Brasil), *Cahiers du Crepal* (Paris), *Faces de Eva* e tem publicações nos domínios da didática das línguas, das políticas linguísticas e culturais e da literatura portuguesa moderna e contemporânea, entre outras: *Escritoras portuguesas no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo*, (com Isabel de Jesus, Teresa Almeida), Bruxelles, 2023; *Maria Judite de Carvalho : une écriture en liberté surveillée*, (com Maria Graciete Besse e Adelaide Cristóvão), Paris, 2012.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Maria Sequeira Mendes

Subserviência e sobrevivência

No dia 1 de Abril de 1972 foi publicado o livro *Novas Cartas Portuguesas*. Em Maio, este foi apreendido pela polícia e banido. O resto é história. Esta conferência discute a posição crítica das autoras em relação à subserviência das mulheres. Argumenta-se que, como compreenderam bem as autoras de *Novas Cartas*, a subserviência pode ser uma estratégia de sobrevivência, desafiando-se a premissa de que a subordinação pode ser lida de uma forma unívoca. Todavia, ao longo do livro as autoras referenciam personagens femininas, como Ofélia, nas quais reconhecem uma postura passiva, apresentando, talvez de forma inconsciente, uma posição parcial sobre as estratégias de resistência de que as mulheres podem fazer uso. Poderão as NCP ser um livro mais conservador do que tínhamos inicialmente imaginado?

Maria Sequeira Mendes nasceu em Portalegre, em 1977. É professora no Programa em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Escreveu *The Ordeals of Interpretation* (IUC, 2020), *O Desensino da Arte* (com Marisa Fálcon e Marta Cordeiro, Documenta, 2022) e *O Essencial sobre Hamlet* (INCM, 2023). Coedita com Joana Meirim o site de poesia e crítica *Jogos Florais*.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Mariana Nascimento

Palavras cortadas à faca: As mutantes escrevem nas paredes

Uma parede verde, rasgada por veios finíssimos, cortados à faca: tatuada. Ouvimos as palavras escritas no muro des-sincronizadamente: «tira-me daqui, mãe», «quero o meu pai», odeio estas mulheres todas». Muito lentamente, a palavra liberdade faz-se, sílaba a sílaba, «li-ber-da-de», depois números em sequência: 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997.

Os Mutantes, realizado por Teresa Villaverde, estreou em 1998. Vinte cinco anos tinham corrido sobre o processo revolucionário de 1974 e 1975: a viragem do século é marcada pela tensão entre uma revolução inacabada e o recrudescimento de um processo de recuperação capitalista e restauração monopolista. Teresa Villaverde tinha como projecto inicial fazer um documentário sobre a infância, neste período; o processo de investigação para a construção do documentário implicou a recolha de histórias e relatos das crianças e jovens que viviam em instituições de acolhimento. Depois de um ano, não conseguindo financiamento para o plano inicial, escreveu *Os mutantes* a partir desses relatos, filmando-o com as crianças e jovens dessas mesmas instituições.

A parede verde é a parede de um desses internatos, uma instituição só para raparigas. As palavras foram escritas pelas adolescentes que lá viveram até ao dia em que Andreia, a protagonista, chega, e não é difícil estabelecer uma ligação entre as palavras soltas que ali se lê com as palavras de Carlos de Oliveira, em *O Aprendiz de Feiticeiro*. Dizia Carlos de Oliveira: “cresci cercado pela grande pobreza dos camponeses, por uma mortalidade infantil enorme, uma emigração espantosa. Natural que isso me tenha tocado (melhor, tatuado). (183-184)’. Talvez possamos considerar a escrita nas paredes do dormitório como o reverso desta tatuagem: ou, se se quiser, uma tentativa de marcar a realidade, inscrevendo, como num palimpsesto, ano após ano (1991, 1992, 1993...) as vozes por escutar, do período pós-revolucionário.

Mariana Nascimento é doutoranda em estudos comparatistas, na NOVA FCSH e na Universidade de Warwick, onde desenvolve uma tese sobre figurações do resíduo nas obras de Fernando Guerreiro, Manuel Gusmão e Teresa Villaverde. Investiga a possibilidade de uma linguagem híbrida e dialógica, que se manifesta em objectos também eles miscigenados, fantasmáticos e mutantes. Concluiu o mestrado em Estética e Estudos Artísticos, em 2022, com a dissertação *O resíduo como resistência da matéria: a rematerialização do mundo através da poesia e da fotografia* (FCSH). É licenciada em Artes e Humanidades pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Mariana Pinto dos Santos

«Euarda Dionísio: um livro antes da revolução»

Nesta apresentação abordarei o livro *Comente o seguinte texto*: (1972) de Eduarda Dionísio, um romance que conta uma prova de exame, e como na releitura sucessiva das perguntas e tentativa de enunciar as respostas não se consegue conter o mundo que se passa lá fora e que é o da revolta latente num contexto estudantil, mas é também o das dúvidas e memórias que irrompem incontidas a meio da prova, dificultando a organização analítica da resposta. Augusto Abelaira disse que este livro seria «para quem o souber vivê-lo plenamente, souber que a reflexão sobre a vida faz parte da vida». Falarei sobre esta literatura política que reconfigurou e actualizou a demanda de ligar arte e vida, uma demanda presente desde cedo numa literatura de resistência e combate às ditaduras

Mariana Pintos dos Santos é historiadora de arte e curadora independente, doutorada em História e Teoria (Facultat de Belles Arts, Univ. Barcelona), investigadora do Instituto de História da Arte da NOVA FCSH (Lisboa) e professora convidada na NOVA FCSH, Lisboa. É autora do livro *Vanguarda & Outras Loas* (2007, 2 ed. em breve). É co-editora, com Joana Cunha Leal, do livro *The Primitivist Imaginary in Iberian and Transatlantic Modernisms* (Routledge / Taylor & Francis, 2024) e, com Afonso Dias Ramos, do livro *Ernesto de Sousa 1921-2021. Uma criação consciente de situações/ uma situação consciente de criações* (IHA, 2023). É coordenadora editorial de *A Cultural History of The Avant-Garde in The Iberian Peninsula* (4 vol., Brill, 2026).

A sua investigação centra-se na modernidade e nos modernismos, na circulação das vanguardas, na historiografia e teoria da arte, na arte e política portuguesas do século XX e nas abordagens decoloniais da história da arte. Tem organizado várias edições de livros, revistas académicas e catálogos de exposições e publicou ensaios, artigos e capítulos em publicações nacionais e internacionais. Tem sido convidada como professora e conferencista por diversas instituições, como a Universidade de Lisboa, Universidade de Coimbra, Universidade de Zurique (Cátedra Carlos de Oliveira), Universidade de Leipzig, bem como museus como o Centro de Arte Moderna-Gulbenkian, Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), Museu Nacional Soares dos Reis, Atelier-Museu Júlio Pomar ou Casa Fernando Pessoa. Foi curadora de exposições para a Fundação C. Gulbenkian (Lisboa), Museu Nacional Soares dos Reis (Porto), Instituto Cabañas (Guadalajara, México), Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva (Lisboa), Atelier-Museu Júlio Pomar (Lisboa) e Centro Internacional José de Guimarães (Guimarães), entre outras instituições. Foi co-PI do projecto de investigação financiado pela União Europeia *Modernismos Ibéricos e o Imaginário Primitivista* (2018-22) (PTDC/ART- HIS/29837/2017) e faz parte da equipa de investigação do projecto financiado pela FCT *O Desvendar da Arte da Pintura Mural de Almada Negreiros (1938-1956) (2021-24)* (PTDC/ART- HIS/1370/2020). É também membro da equipa do projecto *Performatividade dos monumentos. Percepção social e intervenções sobre arte pública em Espanha e Portugal desde 1950 (PERMORIA)* – Universidade Santiago de Compostela (2024-2027). É coordenadora do Arquivo Almada Negreiros-Sarah Affonso (CEDANSA – NOVA FCSH). É coproprietária e editora das Edições do Saguão desde 2017.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Paula Morão

Irene Lisboa nos anos quarenta do século XX – Escrever para quê?

Nos anos quarenta, a escritora Irene Lisboa é colaboradora assídua da *Seara Nova*: aí assina textos de diversos géneros, aí experimenta modos de escrita, aí consolida o seu nome de autora. Vários dos seus livros são compostos na tipografia *Gráfica Lisbonense* (Rua da Rosa, 238) que imprimia também a *Seara* (Rua da Rosa, 240). Entre os anos de 1942 e 1946 ocupa-se para as publicações Seara Nova de organizar e publicar o *Inquérito ao livro em Portugal*, que planeia e leva a cabo (saindo apenas os dois primeiros dos quatro volumes planeados). Nos exemplares da revista que lhe pertenceram estão documentos evidenciando a presença dos censores, atentos à escritora e à Seara Nova. Nestes materiais se vislumbrarão caminhos para a Liberdade que Irene Lisboa trilhou sem medo.

Paula Morão é Professora Catedrática Emérita da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Entre 2007 e 2009 exerceu as funções de Directora - Geral do Livro e das Bibliotecas (Ministério da Cultura). Dirige a reedição, em curso, das Obras de Fernanda Botelho (cinco volumes até ao presente). Desde 2022, representante da área governativa da Cultura na Comissão Nacional do ILLP, Instituto Internacional de Língua Portuguesa).

Algumas publicações em volume: P.Morão e Ricardo Nobre, *Lírica de João Mínimo de Almeida Garrett*, edição crítica (no prelo); *Aspectos do legado pessoano, de Fernando J.B. Martinho*, prefácio P.Morão, 2022; *O livro de Cesário Verde e outros poemas*, prefácio P. Morão, 2021; *O livro de Cesário Verde e outros poemas*, prefácio, 2021; *Fernando Namora – “e não sei se o mundo nasceu”*, ed., 2020; *O secreto e o real – Ensaio sobre Literatura Portuguesa*, 2011; P.Morão e Carina I. Carmo (eds.). *Escrever a Vida – Verdade e Ficção*, 2008; K.Basilio, M.J.T.Silva, P.Morão e Teresa Amado (eds.). *Concerto das Artes*, 2007; Paula Morão (ed.), *Autobiografia. Auto-representação*, 2003; *Salomé e outros mitos – O feminino perverso na Literatura Portuguesa entre o Fim-de-Século e ‘Orpheu’*, 2001; *Só de António Nobre* (reprodução tipográfica da 2ª edição/1898), 2000; *Obras de Irene Lisboa*, dez volumes, 1991–1999.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Rita Patrício

Exercício de imaginação

Em Março de 1971, era publicado o primeiro número da Colóquio/Letras, que incluía uma secção destinada a textos ficcionais; ao longo dessa década, foram aí publicados contos de diversas escritoras portuguesas. A imaginação de um volume que resultasse desse corpus é o ponto de partida para o exercício de leitura agora proposto: quando elas contam nas páginas desta canónica revista, o que nos dão a ver da ficção portuguesa pré e pós-revolução de Abril?

Rita Patrício ensina na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e é membro do seu Centro de Estudos Comparatistas. Publicou *Episódios. Da teorização estética em Fernando Pessoa* (2012) e *Apontamentos. Pessoa, Nemésio, Drummond* (2016); e co-editou com Osvaldo M. Silvestre *As Conferências do Cinquentenário da Teoria da Literatura de Vítor Aguiar e Silva*. É autora de vários ensaios, em volumes coletivos e em revistas especializadas, decorrentes dos seus estudos sobre literatura portuguesa moderna e contemporânea, nomeadamente sobre Fernando Pessoa.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Susana L. M. Antunes

“O quotidiano em Ivone Chinita: narrativas de impacto e resistência”

Esta comunicação analisa narrativas de Ivone Chinita com foco no quotidiano como um espaço de resistência e de impacto. A autora apresenta contextos que revelam a luta de personagens femininas perante pressões sociais e pessoais, desafiando normas e convenções. Através de uma escrita imersiva, Chinita apresenta realidades intensas e complexas, onde as suas personagens não apenas enfrentam adversidades, mas também resistem a elas, proporcionando uma reflexão profunda e atual sobre identidade, feminismo e liberdade. Através das suas narrativas, o quotidiano transforma-se num campo de resistência, onde a autora questiona e subverte estruturas sociais preestabelecidas.

Susana L. M. Antunes é doutorada em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Universidade de Massachusetts, Amherst, e Professora Associada com Agregação no Departamento de Espanhol e Português na University of Wisconsin-Milwaukee, EUA, onde desempenha também as funções de coordenadora do Programa de Português. Os seus interesses de pesquisa concentram-se na poesia contemporânea feminina em língua portuguesa, literatura de viagens e literatura de ilhas, com especial interesse na geopoética e ecocrítica, numa perspetiva humanístico-comparada. É investigadora no grupo de pesquisa Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal Fluminense, Brasil, e no centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa. Integra o projeto *Escritoras de Língua Portuguesa no Tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo em Portugal, África, Ásia e Países de Emigração*, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, coordena os Cadernos de Estudos Açorianos e é tradutora do Institut International de Géopoétique, França. É autora de várias publicações em revistas nacionais e internacionais, capítulos de livros e manuscritos.

LIVRO DE RESUMOS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

QUANDO ELAS ESCREVEM: FALAS ENCRAVADAS PARA UMA REVOLUÇÃO

3 E 4 DE ABRIL DE 2025, AUDITÓRIO B1 (NOVA FCSH)

Teresa Sousa de Almeida

“Nada vale a pena, quando a alma é pequena”: figurações do Estado Novo na obra de Natália Nunes

Esta comunicação pretende analisar a representação do totalitarismo no romance *Assembleia de mulheres* (1964), de Natália Nunes. Através da criação de um microcosmos, que reproduz os efeitos da ideologia do Estado Novo na mentalidade dominante do funcionalismo público, a autora retrata a mesquinhez, a falta de interesse, o desânimo, a corrupção e o carreirismo de diferentes personagens, quer sejam responsáveis pelo sistema ou vítimas de uma “engrenagem” que as ultrapassa.

Teresa Sousa de Almeida é Professora Associada reformada da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e investigadora do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, onde coordena o projecto de investigação “Escritoras de língua portuguesa no tempo da Ditadura Militar e do Estado Novo em Portugal, África, Ásia e países de emigração”. Tem escrito sobre as obras de Luís Cardoso, Maria Teresa Horta, Mário de Carvalho e Nuno Júdice.